

O protagonismo da esposa do diácono permanente na Igreja Católica: um relato de experiência pessoal à luz do casal Priscila e Áquila

*The Leadership of the Wife of the Permanent Deacon in the
Catholic Church:
a Personal Testimony in Light of the Couple Priscilla and Aquila*

Andrea Aparecida Costa Barbosa

Resumo

Este artigo apresenta uma análise teológico-pastoral sobre o papel da esposa do diácono na Igreja. Mais que figura auxiliar, seu protagonismo aponta para uma parceira ativa na evangelização. A partir do método de análise testemunhal, descrevemos a colaboração mútua entre o diácono e sua esposa na ação pastoral realizada na Comunidade São Vicente de Paulo, na Vila Sumaré, Belo Horizonte, com foco no impacto da atuação feminina na vida pastoral. Nosso objetivo é oferecer, à luz do exemplo bíblico do casal Priscila e Áquila, um modelo de participação da mulher no ministério eclesial. A inclusão das mulheres no ministério diaconal é vista como essencial para avançarmos na concretização de uma Igreja mais sinodal. Para isso, na primeira parte do texto, refletimos sobre o exemplo de Priscila e Áquila como um “casal diaconal” da igreja primitiva. Na segunda, oferecemos uma visão geral da Vila Sumaré, em Belo Horizonte. E na terceira parte apresentamos os desafios para o reconhecimento e a valorização da esposa do diácono na vida da igreja. Como conclusão, reafirmamos que a valorização da esposa do diácono permanente não apenas enriquece o exercício do ministério, mas também fortalece a missão da Igreja, especialmente nas periferias urbanas.

Palavras-chave: Esposas. Diáconos. Sinodalidade. Comunidade. Parceria.

Abstract

This article presents a theological-pastoral analysis of the role of the deacon's wife in the Church. More than an auxiliary figure, her protagonism points to an active partnership in evangelization. Using the testimonial analysis method, we describe the mutual collaboration between the deacon and his wife in the pastoral work carried out in the São Vicente de Paulo Community, in Vila Sumaré, Belo Horizonte, focusing on the impact of female participation in pastoral life. Our objective is to offer, in light of

the biblical example of the couple Priscilla and Aquila, a model for women's participation in ecclesial ministry. The inclusion of women in the diaconal ministry is seen as essential for advancing the realization of a more synodal Church. To this end, the first part of the text reflects on the example of Priscilla and Aquila as a "diaconal couple" in the early Church; the second offers an overview of Vila Sumaré in Belo Horizonte; and the third presents the challenges for the recognition and appreciation of the deacon's wife in the life of the Church. In conclusion, we reaffirm that valuing the permanent deacon's wife not only enriches the exercise of the ministry but also strengthens the Church's mission, especially in urban peripheries.

Keywords: Wives. Deacons. Synodality. Community. Partnership.

Introdução

O Diaconato Permanente, restaurado pelo Concílio Vaticano II por meio da *Lumen Gentium* e da *Ad Gentes*, resgata um ministério essencial para a vida e a missão da Igreja, especialmente por seu caráter de serviço à Palavra, à liturgia e à caridade. Essa restauração não se limita à figura do diácono ordenado, mas também evidencia, de maneira implícita e muitas vezes pouco explorada, a presença e atuação de sua esposa, que compartilha da vocação, do serviço e das alegrias e desafios dessa missão. Ao lado do diácono, a esposa não é apenas um apoio doméstico ou afetivo, mas uma parceira efetiva na evangelização, cuja atuação pode ser determinante na construção de comunidades mais vivas, participativas e sinodais.

A partir da minha vivência junto a meu esposo, Diácono Joaquim Nogueira Barbosa, na Arquidiocese de Belo Horizonte, e inspirada nas perícopes bíblicas que narram a vida e o ministério do casal Priscila e Áquila (At 18; Rm 16,3-5; 1Cor 16,19; 2Tm 4,19), apresento, neste artigo, uma experiência concreta que busca iluminar o papel e o protagonismo da esposa do diácono como parceira ativa e corresponsável na missão da Igreja. Tal reflexão nasce não apenas de um olhar subjetivo e afetivo, mas de um percurso pastoral e teológico que reconhece a necessidade de visibilizar e valorizar a contribuição feminina no ministério diaconal.

O relato de experiência, enquanto gênero acadêmico, tem o propósito de articular vivências concretas com análise crítica e fundamentação teórica, permitindo que a prática se torne fonte de conhecimento compartilhado. Conforme apontam Córdula e Nascimento¹, o saber humano está intrinsecamente ligado tanto ao conhecimento sistematizado quanto às aprendizagens oriundas das experiências socioculturais. Registrar tais vivências por meio da escrita constitui um ato formativo e social, pois possibilita que a sociedade acesse, compreenda e dialogue sobre temas que afetam diretamente a vida eclesial e comunitária, especialmente em um contexto contemporâneo marcado pela circulação digital do conhecimento.

¹ CÓRDULA, E. B. L.; NASCIMENTO, G. C. C., A produção do conhecimento na construção do saber sociocultural e científico.

Assim, o objetivo deste artigo é compartilhar os aprendizados, desafios, métodos utilizados e frutos colhidos a partir de minha atuação como esposa de diácono, contribuindo para o avanço das reflexões na área da Teologia Prática e para a construção de caminhos mais sinodais e inclusivos. O texto está estruturado em três momentos principais: inicialmente, reflito, à luz da relação de Priscila e Áquila, sobre a missão evangelizadora de um casal diaconal; em seguida, apresento uma breve visão geral da Vila Sumaré, em Belo Horizonte, e descrevo nossa inserção pastoral nessa comunidade periférica; e, por fim, analiso o papel da mulher na vida e missão da Igreja, apontando desafios e perspectivas para seu reconhecimento e valorização no contexto diaconal.

1. Um exemplo inspirador: Priscila e Áquila, um “casal diaconal”

Não é raro ver nas Escrituras o destaque que a vida familiar e comunitária recebe. No caso do diaconato, que nasceu na Igreja primitiva, a ideia de serviço ao povo de Deus nunca foi apenas uma tarefa individual, mas profundamente comunitária. Quando pensamos em Priscila e Áquila, visualizamos um casal que, vivendo sua fé de forma concreta, exemplifica o modelo de uma “Igreja doméstica” e de um “casal diaconal”. “E, achando um certo judeu de nome Áquila, natural do Ponto, que havia pouco tinha vindo da Itália, e Priscila, sua mulher (pois Cláudio tinha mandado que todos os judeus saíssem de Roma), ajuntou-se com eles” (At 18,2).

O casal era amigo íntimo e colaborador de Paulo em sua missão evangelizadora. Encontramos Priscila e Áquila primeiramente em Corinto, onde Paulo passou a morar e trabalhar com eles, já que, além de evangelizadores, eram fabricantes de tendas. “As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetuosamente no Senhor Áquila e Priscila, com a Igreja que está em sua casa” (1Cor 16,19). O casal o acompanha a Éfeso, onde novamente assume um papel importante na vida da comunidade cristã local, abrindo sua casa para a Igreja se reunir (At 18,18-26).

Priscila e Áquila servem de inspiração para muitos casais por várias razões. Uma das razões é a união porque eles são sempre considerados juntos e agiam em harmonia, como uma única unidade em busca do bem. Outra razão é companheirismo, pois caminhavam lado a lado, sem competições ou vaidades, e nenhum queria se sobressair ao outro. A coragem nos mostra outra razão, onde enfrentavam os desafios juntos, mudando de cidade e recomeçando suas vidas sempre que preciso. Assim como a dedicação e fidelidade: optaram por seguir os ensinamentos de Jesus e se dedicaram à missão de evangelizar. E por último a hospitalidade: recebiam as pessoas em seus lares, ensinavam com amor e tratavam os outros como a si mesmos. “Saúda a Priscila e a Áquila, e à casa de Onesíforo” (2Tm 4,19).

Esse tipo de parceria é raro. Mesmo entre casais cristãos, muitas vezes há divisão quando se trata de envolvimento na obra de Deus. Em vez de colaboração mútua, como no caso de Priscila e Áquila, muitas vezes há cobranças individuais entre os beneficiários, cada um priorizando seus próprios interesses.

Nem todos os casais funcionam como Priscila e Áquila. É necessário ter uma relação madura para trabalhar juntos, especialmente sob a pressão de um emprego ou outras responsabilidades. Mas, claramente, o relacionamento deles era forte o suficiente

para permitir isso. Eles não eram apenas companheiros de vida e amantes, mas também parceiros e grandes amigos. Gostavam de estar juntos, tanto na vida pessoal quanto no trabalho. Eram, de fato, companheiros.

Segundo Falqueto², Priscila não é somente a esposa de Áquila convertida, ela pratica a fé ao lado do marido e do grupo que evangeliza com Paulo. Ela acompanha Paulo. Ela é companheira de viagem deles, segue pelo Caminho junto com marido e o apóstolo. “Paulo permaneceu aí bastante tempo. Depois se despediu dos irmãos e embarcou para Síria em companhia de Priscila e Áquila. Em Cencréia cortou o cabelo para cumprir um voto” (At 18,18).

De acordo com Falqueto:

Áquila e Priscila são responsáveis por evangelizar juntos. A história dessa esposa enfatiza a liberdade e igualdade da mulher dentro dos relacionamentos. Pois, se considerarmos que naquele contexto histórico e cultural, as esposas ficavam restringidas aos serviços domésticos. Priscila não era assim. Ela e Áquila são judeus convertidos, que viajam com Paulo e ainda evangelizaram juntos. Priscila tem a mesma participação que Paulo no processo de conversão.³

Priscila, assim como outras mulheres citadas no Novo Testamento – Febe, Lídia, Dorcas –, foi uma figura de liderança e presença transformadora nas primeiras comunidades cristãs. Sua atuação lado a lado com Áquila, e muitas vezes de forma mais destacada, é um lembrete de que a mulher não apenas pode, mas deve ser protagonista na missão evangelizadora.

Febe, mencionada por Paulo na carta aos Romanos (Rm 16,1-2), é apresentada como “diaconisa da Igreja de Cencréia” e reconhecida pelo apóstolo como “protetora de muitos, inclusive de mim mesmo”. Sua menção não é apenas uma nota de cortesia, mas um reconhecimento explícito de sua autoridade e de seu papel de liderança. Ao ser recomendada a toda a comunidade, Febe se torna um exemplo de mulher comprometida com o serviço e com a missão, participando ativamente do anúncio do Evangelho e da organização e cuidado pastoral das comunidades cristãs. Sua figura inspira, hoje, a valorização das mulheres que, nas mais diversas pastorais e ministérios, exercem funções de coordenação, acolhimento e mediação, sendo presença de proximidade e cuidado no seio da Igreja.

Lídia, por sua vez, é descrita em Atos dos Apóstolos (At 16,11-15) como uma mulher de negócios, “comerciante de púrpura” da cidade de Tiátira, temente a Deus. Sua conversão e batismo, juntamente com toda a sua família, não a colocaram numa postura passiva, mas a transformaram em agente hospitaleira e missionária. Lídia abriu as portas de sua casa para Paulo e seus companheiros, tornando-se um ponto de apoio e de evangelização na cidade de Filipos. O exemplo de Lídia evidencia que a hospitalidade, a generosidade e a disponibilidade para servir são virtudes missionárias que permanecem essenciais na vida da Igreja, especialmente em tempos de necessidade de espaços de escuta e acolhimento.

² FALQUETO, E. S., O retrato das mulheres nas comunidades cristãs primitivas no livro Atos dos Apóstolos.

³ FALQUETO, E. S., O retrato das mulheres nas comunidades cristãs primitivas no livro Atos dos Apóstolos, p. 519.

Já Dorcas, também chamada Tabita, é lembrada em Atos 9,36-42 como uma discípula que “estava sempre fazendo o bem e ajudando os pobres”. Sua vida era marcada pelo cuidado concreto com os necessitados, confeccionando roupas para viúvas e vulneráveis. O impacto de sua ação era tão grande que, quando morreu, a comunidade se mobilizou intensamente até que, por intermédio de Pedro, ela foi devolvida à vida. Dorcas simboliza a diaconia como expressão de amor e serviço concreto, lembrando que o anúncio do Evangelho não se limita à pregação, mas se encarna no cuidado atento às necessidades humanas e sociais.

A presença dessas três mulheres na Igreja primitiva amplia o horizonte de compreensão sobre o protagonismo feminino no cristianismo. Elas não se restringem a funções secundárias ou invisíveis; pelo contrário, atuam como líderes, missionárias e servidoras, integrando fé, ação e compromisso social. Hoje, à semelhança de Febe, Lídia e Dorcas, muitas mulheres – entre elas as esposas de diáconos – exercem papéis vitais na vida e na missão eclesial. Reconhecer e integrar plenamente sua atuação é não apenas um gesto de justiça histórica, mas uma exigência evangélica para que a Igreja seja, de fato, sinal de comunhão, inclusão e serviço. Essa visão de uma Igreja onde homens e mulheres trabalham juntos em pé de igualdade, colaborando e compartilhando a mesma missão, é um ideal que devemos cultivar hoje. As esposas dos diáconos, ao serem integradas de maneira mais plena no ministério, oferecem um testemunho vivo dessa possibilidade, ajudando a quebrar barreiras históricas e culturais que ainda limitam a atuação feminina.

Priscila e Áquila nos ensinam que o verdadeiro protagonismo cristão não depende de papéis fixos, mas da colaboração ativa e plena no anúncio do Evangelho. Em diversas passagens bíblicas, é Priscila quem aparece primeiro, o que indica seu papel proeminente. “Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus” (Rm 16,3).

Esse destaque bíblico é um exemplo claro de que a Igreja primitiva já reconhece a liderança feminina, algo que precisamos resgatar e aplicar.

2. Um espaço precioso de acolhida e protagonismo

A Vila Sumaré, localizada na Região Noroeste de Belo Horizonte, teve sua origem na década de 1960, durante um período de crescimento populacional desordenado e intensa favelização na capital mineira. Os primeiros moradores chegaram em 1961. A infraestrutura era precária, sem serviços básicos como água, luz e transporte. A comunidade buscava soluções por meio de mutirões.

Nesse contexto, em 1987, foi fundada a comunidade religiosa São Vicente de Paulo da Vila Sumaré. Inicialmente, o povo católico se reunia em uma capela da mesma paróquia, situada fora da Vila, mas logo sentiu a necessidade de ter a sua própria igreja. Após várias lutas e mutirões, conseguiram construir uma creche, que passou a abrigar as celebrações religiosas. Com perseverança e luta, a comunidade conseguiu construir a sua atual capela.

Em abril de 2023, meu esposo, diácono Joaquim e eu começamos a trabalhar pastoralmente na comunidade, onde encontramos uma rica história de sofrimento, lutas e conquistas. Como esposa de diácono, fui bem acolhida e logo me ofereceram funções em

diversos serviços, no ministério de leitora, da Eucaristia, entre outros, como se eu como esposa de diácono, fosse merecedora de funções ou papéis principais. Agradei e recusei cada convite, mas me colocando sempre a disposição para qualquer ajuda. Nosso desejo, desde o princípio, foi o de estar junto à comunidade sem ocupar posições de destaque, ajudando quando necessário e estimulando o protagonismo nos seus membros. Assim, fomos construindo laços com a comunidade, ajudando nos bastidores nas organizações das celebrações e eventos sociais, confeccionando e ensinando a confecção de lembrancinhas, na preparação de alimentos a serem vendidos para arrecadar fundos, nos encontros bíblicos nas casas, nas visitas aos moradores, no planejamento de reformas necessárias na igreja, na organização do bazar solidário e da arrecadação de alimentos não perecíveis para montagem e distribuição de cestas etc. Joaquim e eu procuramos, na medida do possível, atuar sempre juntos, tanto nas atividades religiosas quanto nas ações comunitárias. Assumimos o papel e compromisso de estar ao lado do povo, em comunhão com a comunidade. Nosso envolvimento na comunidade vai além das funções religiosas, permeia também as atividades cotidianas sociais, criando um ambiente de colaboração e unidade. A cada evento, litúrgico ou social, procuramos demonstrar com a prática que o mais importante é estar presente, participando e ajudando, sem qualquer postura de dominação, dele ou nossa.

Essas experiências de proximidade e serviço geraram um senso de pertença entre nós e a comunidade. Com o tempo, ouvimos frequentemente as pessoas dizerem que é impossível pensar em Joaquim sem lembrar de Andrea, e vice-versa. Essa conexão reforça a nossa missão de estar junto ao povo, como parte ativa e integradora da vida comunitária. Ao trabalharmos em conjunto, nosso papel é sempre o de servir ao lado deles, mantendo o espírito de colaboração, sem colocar nossas funções ou status à frente da comunhão que construímos. Essa proximidade nos permite não apenas exercer nossas funções pastorais, mas também ser parte da história viva da comunidade, crescendo e lutando juntos com todos, para o bem comum.

A vocação do diácono permanente é relacional e envolve sua família. A esposa do diácono não precisa assumir o papel de “diaconisa” ou ocupar o lugar de seu marido, mas possui uma missão distinta com valor próprio, contribuindo com seus dons específicos. O casal deve assumir vocações independentes e complementares, caminhar lado a lado com um objetivo comum. Bingemer diz:

Ainda há muito que caminhar. No entanto, creio que uma coisa é imprescindível e fundamental: que as mulheres estejam juntas e solidárias e trabalhem sempre mais em rede. Nossa teologia tem que ser “Madalena” como nos ensinou Moema Miranda, ao falar da Igreja Madalena. Não é nem pode ser uma teologia de competição, mas de comunidade e solidariedade. Temos que pensar em rede, fazendo um trabalho sempre inclusivo e deixando claro aos companheiros homens que não pretendemos isolá-los do nosso convívio. Pelo contrário, nós os queremos conosco, sabendo que quanto mais eles se conscientizarem da importância de que a nossa diferença esteja presente no discurso e no tecido comum da teologia, todos teremos a ganhar.⁴

⁴ BINGEMER, M. C. L., *Conversando sobre a história da mulher na Igreja e na contemporaneidade*, p. 10.

Essa caminhada conjunta exige que ambos compreendam suas identidades e papéis no ministério, e a força do serviço diaconal aumenta quando trabalham em harmonia. A colaboração mútua traz para a comunidade a riqueza da vida matrimonial, demonstrando que o poder cristão está na humildade e no serviço, sem busca de reconhecimento pessoal.

A esposa do diácono mantém sua identidade e carisma, contribuindo ativamente para o sucesso pastoral. Sua proximidade permite que ela perceba necessidades pastorais que o diácono pode não notar em suas funções formais. Essa complementaridade é um presente para a Igreja, permitindo que o casal diaconal atue em diferentes frentes e responda a várias necessidades da comunidade, mostrando que a vida comunitária vai além da liturgia, envolvendo relações humanas.

3. O reconhecimento e a valorização da esposa do diácono na vida da igreja

O reconhecimento e a valorização do papel e o lugar da esposa do diácono assim como o protagonismo da mulher nos espaços de decisão e atuação pastoral é decisivo na Igreja Católica por causa da sua singularidade como expressão do humano.

No entanto, observa-se ainda hoje grande resistência cultural e estrutural quanto ao reconhecimento e a valorização desse papel ativo. O patriarcalismo, ainda tão presente na sociedade e na Igreja, é um fator importante a ser considerado. Mas há outros fatores que se somam, tais, costumes arraigados em nossa Igreja, uma acomodação inclusive por parte das mulheres, dentre outros. As mulheres frequentemente assumem papéis tradicionalmente ditados como femininos, enquanto os homens lideram atividades mais intelectuais visíveis. Ainda hoje é comum ouvirmos frases como: “Vou ensinar as esposas como lavar e passar as vestes litúrgicas do diácono”; “No nosso encontro, as esposas são muito participativas, elas preparam o café, fazem cartazes de boas-vindas, preparam dinâmicas”; “Agora, enquanto os homens estão em reunião, as esposas podem conversar, ‘tricotar’, trocar receitas”. Estas são frases comuns no dia a dia, mas impregnadas de machismo e patriarcalismo cultural e que por conseguinte não promovem a união e o fortalecimento, na ação evangelizadora, da relação matrimonial, que por si só já é cheia de desafios. Isso quando as esposas dos diáconos participam, pois muitos deles atuam sempre ou na maioria das vezes sozinho. Costumo dizer inclusive que é comum encontramos diáconos com semblante triste, cansado e ousou relacionar isso ao fato deles não servirem às comunidades em comunhão com suas esposas, sem, portanto, experimentarem um dos sentidos mais profundos do amor matrimonial. Para Crusemann e Reimer:

Nas igrejas domésticas cristãs, não só a vida litúrgico celebrativa, mas também a vida familiar cotidiana se distanciava dos ideais do direito do Estado romano de matriz patriarcal. Mulheres, por exemplo, não só quando viúvas, assumiam a função de lideranças da administração doméstica, trabalhavam autonomamente ou junto com companheiros(as) como líderes de comércios, oficinas de trabalhos artesanais e na agricultura. Da mesma forma como os pais de famílias elas tinham condições de disponibilizar a sua casa para uma igreja doméstica e, ser, assim, a sua hospedeira.⁵

⁵ CRÜSEMANN, M.; REIMER, I., Igrejas domésticas, p. 184.

A vida matrimonial, a relação entre o casal, em qualquer época ou lugar do mundo é permeada de conflitos, o que requer constante reflexão e amadurecimento dos dois. A experiência pastoral do casal diaconal pode contribuir muito na superação desses conflitos. Em sua missão, a Igreja precisa ficar bem atenta aos sinais do tempo, às inspirações do Espírito Santo, para perceber as demandas e necessidades das pessoas, das famílias, das comunidades. A encíclica *Pacem in terris* de São João XXIII, ainda no início dos anos 1960 já destacava como um importante sinal dos tempos o “ingresso da mulher na vida pública”⁶. Parece que 60 anos depois o “ingresso da mulher na vida *eclesial*” ainda é pouco reconhecido e fomentado, deixando a Igreja bem atrás do ritmo dos tempos.

É preciso procurar resgatar o sentido profundo da família, sobretudo, enquanto Igreja doméstica. Loraschi, dando voz a Áquila, no texto *Carta de Áquila*, escreve:

De fato, entendemos que os espaços privilegiados de evangelização e de formação de uma nova consciência são lugares comuns dos trabalhadores, ou seja, a casa, a oficina, a rua, o campo... Priscila, de modo especial, privilegiava o contato pessoal e gostava de reunir pequenos grupos para conversas informais que proporcionavam partilha de vida de mulheres e homens trabalhadores, marcada com muitas histórias de exploração, de dificuldades, de dúvidas, de medos e, sobretudo, de esperança, muita esperança!⁷

Aqui, nos remetemos ao nosso trabalho como casal diaconal na Vila Sumaré, realidade tão parecida com a relatada por Loraschi.

A família é, de fato, a primeira Igreja de um cristão. E por isso cuidar da saúde da família precisa fazer parte da missão da Igreja. No caso de um casal diaconal, a relação matrimonial precisa estar muito fortalecida para suportar os desafios que vão além da relação conjugal em si. É preciso pensar por exemplo em como evangelizar, acompanhar e dar suporte às famílias das comunidades, se o casal não está bem em seu próprio relacionamento?

O evangelho do Bom Samaritano (Lc 10,29-37) nos inspira a cultivar a Teologia do Cuidado, um cuidado que começa no casal diaconal para que este se fortaleça em sua vida particular e matrimonial e a partir daí saia com segurança da sua zona de conforto ao encontro das periferias existenciais. Seria muito útil e necessário por exemplo que o casal diaconal tivesse uma formação integral e contínua, desde o início do seu despertar vocacional, período de discernimento, formação acadêmica, estágio pastoral e após a ordenação. Não somente formação teológico pastoral, e não somente do vocacionado ou diácono, mas do casal diaconal, incluindo inclusive inserções terapêuticas.

A partir da minha vivência acredito na necessidade e importância do casal ter como base três colunas: formação contínua e integral, equilíbrio afetivo emocional enquanto indivíduo único e enquanto casal e rede de acompanhamento constante entre casais e de profissionais especializados voltados para a saúde física, emocional, espiritual, integral. Parece muito difícil e realmente é. Difícil, mas não impossível e muito, muito necessário para uma evangelização saudável, eficiente, de uma igreja em

⁶ PT 41.

⁷ LORASCHI, C., *Carta de Áquila*, p. 26-36.

saída e sem as marcas do clericalismo patriarcal. Precisamos da sabedoria de dividir a missão entre o casal para assim somar e multiplicar. E cabe destacar aqui que a esposa de diácono, a mulher, não pode se limitar ao papel de auxiliar, bengala de seu esposo ou qualquer outro homem ou clérigo. Parceira sim, ajudante não! Presenciamos na maioria dos grupos, pastorais da igreja uma realidade que não condiz com nossos anseios, onde a maioria dos participantes são geralmente as mulheres, mas o espaço de decisão é preferencialmente da minoria dos homens. Uma realidade totalmente machista, hierárquica, desigual, egoísta.

Quais são as sementes de esperança que estamos lançando nesse caminho? Para enfrentar realidade tão desafiante algumas mulheres se vestem de coragem para transpor barreiras que parecem impossíveis e, como Maria, estão atentas aquilo que falta, às talhas vazias que precisam ser preenchidas (Jo 2,1-11). Isso é próprio do feminino que sempre se antecipa. Como Maria nas Bodas de Caná somos inspiradas, cada uma de nós mulheres a romper obstáculos, ser “intrometida”, apressada, enxergar mais à frente e garantir que as talhas ainda vazias da Igreja se encham do vinho novo, da alegria do encontro que constrói, reconstrói e edifica. E na vida de cada um de nós tem sempre alguma talha vazia. Por isso é preciso repartir o vinho, a alegria e ser realmente Igreja em Saída.

O casal diaconal precisa ser reconhecido como duas pessoas que se relacionam respeitando a liberdade e individualidade de cada um como aponta Niero e Loraschi:

Constatamos, por exemplo, que se manifesta frequentemente nos casais uma tendência possessiva de querer o cônjuge dentro de uma moldura criada a partir de interesses pessoais. Percebemos que isto não é maldade, é manifestação de bem-querer. Porém, o amor nos leva a dar um passo de qualidade: a liberdade como caminho de realização de cada um de nós deve ser cultivada. Afinal, o casamento nos possibilita a comunhão sempre mais profunda, na medida em que respeitamos as características originais que Deus concede a cada um dos cônjuges. O que realmente importa é percorrer o caminho da liberdade em diálogo permanente, com base nos valores da igualdade, de um lado, e do respeito à diferença, de outro. O diferente não é o contrário. Torna-se fecundo quando assumido na contemplação e na gratuidade.⁸

O processo sinodal oferece uma oportunidade singular para promovermos essa inclusão. O Papa Francisco chama a atenção para a necessidade de superarmos as desigualdades históricas, confirmando o papel fundamental das mulheres na construção da comunidade eclesial e na promoção de uma cultura de paz e direitos humanos. A visão sinodal destaca a igualdade entre homens e mulheres, ambos dotados da mesma dignidade batismal e chamados a uma comunidade de corresponsabilidade.

Fomos criados homem e mulher, à imagem e semelhança de Deus. Desde o princípio, a criação articula unidade e diferença, conferindo a mulheres e homens uma natureza, uma vocação e um destino partilhados e duas experiências distintas do humano. A Sagrada Escritura testemunha a complementaridade e a reciprocidade de mulheres e homens. Nas múltiplas formas em que se realiza, a aliança entre o homem e a mulher está no centro do projeto de

⁸ NIERO, E. M.; LORASCHI, C., Carta de Priscila e Áquila, p. 85.

Deus para a criação. Jesus considerava as mulheres suas interlocutoras: falava com elas sobre o Reino de Deus e acolhia-as entre os discípulos, como por exemplo Maria de Betânia. Estas mulheres fizeram experiência do seu poder de cura, de libertação e de reconhecimento e caminharam com Ele na estrada da Galileia até Jerusalém (Lc 8,1-3). Confiou a uma mulher, Maria Madalena, a missão de anunciar a ressurreição na manhã de Páscoa.⁹

A mulher precisa ser reconhecida em sua plenitude. Não falo aqui de dar lugar às mulheres, mas antes de tudo reconhecer a importância desse lugar. É deixá-las existir em sua essência. Não é também dar voz às mulheres, pois elas já têm voz. É reconhecer a voz que já emana. A Igreja precisa ser polifônica e como em um coral a música deve soar de forma agradável aos ouvidos, com diversidades de sons e vozes, onde um não se sobrepõe ao outro, mas se completam em um equilíbrio de voz e vez. E essa diversidade é tão rica, tão necessária. Mas a igreja ainda é hierárquica, masculinizada. Ela tem de reconhecer que não se trata de uma guerra dos sexos, mas uma necessidade urgente de se reinventar e dar conta do movimento feminista. No entanto este ainda é tema difícil de lidar para a maioria, traz desconforto e abalo de estruturas, pois ainda somos muito marcados pelo fundamentalismo religioso. Urge uma mudança estrutural, de mentalidade, de ações de toda a igreja e não somente nos documentos.

A reflexão sobre o papel e o lugar da mulher numa Igreja sinodal reforça a necessidade de considerar seus carismas e vocações, promovendo uma reciprocidade relacional entre homens e mulheres. Essa reciprocidade, baseada na dignidade e nos dons de ambos, precisa ser vivenciada em todas as esferas da Igreja. Somos chamados pelo Espírito Santo à conversão, a cultivar a espiritualidade sinodal. “A primeira diferença que encontramos como pessoas humanas é a existente entre homens e mulheres. A nossa vocação de cristãos consiste em honrar esta diferença dada por Deus, vivendo no seio da Igreja uma reciprocidade relacional dinâmica como sinal para o mundo”.¹⁰

Conclusão

A sinodalidade e a inclusão feminina caminham juntas na construção de uma Igreja mais aberta, participativa e fiel ao Evangelho. A experiência das esposas dos diáconos, como a minha própria vivência ao lado de Joaquim, revela que o ministério partilhado não é apenas uma possibilidade, mas uma realidade transformadora. Assim como Priscila e Áquila caminharam juntos no início da Igreja, hoje também podemos testemunhar que a colaboração plena entre homens e mulheres no serviço a Deus e ao próximo enriquecem a prática pastoral.

As esposas dos diáconos, como testemunhas vivas de uma missão compartilhada, são exemplos concretos de como a sinodalidade pode ser vivida de maneira prática e transformadora. O exemplo de Priscila e Áquila nos lembra que a Igreja, desde os seus primórdios, sempre foi chamada a ser uma comunidade de iguais, onde homens e mulheres se ajudam mutuamente.

⁹ SÍNODO, Uma Igreja sinodal em missão, p. 23.

¹⁰ SÍNODO, Como ser Igreja sinodal missionária, p. 16.

Essa visão do papel da esposa do diácono nos leva a entender que, na Igreja, cada pessoa tem um lugar e uma missão. Ao caminhar lado a lado o casal diaconal reflete a unidade e a diversidade do Corpo de Cristo, que é a Igreja. E, dessa forma, caminham para a construção de uma comunidade mais justa, inclusiva e amorosa.

Ainda há um longo caminho a percorrer, no entanto, segundo Bingemer, “a alegria de ser semente de um processo tão belo e importante como essa inclusão feminina já dá para consolar e muito nossos corações e alegrar nosso espírito. Que assim seja!”¹¹

Acreditar na força da colaboração entre esposas e diáconos é também acreditar em um novo paradigma para a vida eclesial, onde os carismas são reconhecidos e valorizados em sua diversidade. A prática pastoral, quando vivida de forma conjunta, rompe com visões reducionistas e abre espaço para uma Igreja que respira comunhão. Essa experiência pode servir de inspiração não apenas para os casais diaconais, mas também para todos os fiéis que desejam viver sua vocação em espírito de serviço e corresponsabilidade.

O testemunho das esposas de diáconos desafia a Igreja a rever estruturas ainda marcadas pelo clericalismo e pelo patriarcalismo, para que a comunidade cristã se torne cada vez mais sinal do Reino de Deus, onde a dignidade batismal de todos os fiéis é plenamente reconhecida. Assim, a valorização da esposa do diácono permanente torna-se não apenas uma questão pastoral, mas também um gesto profético de abertura ao Espírito que faz novas todas as coisas.

Por fim, cabe destacar que a construção de uma Igreja sinodal e inclusiva não se esgota no reconhecimento do protagonismo feminino, mas encontra aí um de seus pilares essenciais. Ao dar visibilidade ao papel das esposas de diáconos, não se busca criar privilégios, mas afirmar a vocação batismal como fundamento de toda participação. Essa consciência, que brota da experiência concreta vivida nas comunidades, é sinal de esperança e aponta para o futuro de uma Igreja mais próxima, fraterna e servidora, capaz de ouvir e integrar todas as vozes.

Referências bibliográficas

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara L. Conversando sobre a história da mulher na Igreja e na contemporaneidade. **Revista Teopraxis**, v. 40, n. 135, p. 7-10, dez. 2023. Acesso em: 08 de out. 2024.

CÓRDULA, Eduardo B. L.; NASCIMENTO, Glória Cristina C. A produção do conhecimento na construção do saber sociocultural e científico. **Revista Educação Pública**, v. 18, p. 1-10, 2018. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/12/a-producao-do-conhecimento-na-construcao-do-saber-sociocultural-e-cientifico>>. Acesso em: 08 ago. 2025.

CRÜSEMANN, Marlene; REIMER, Ivone. Igrejas domésticas: lugar de acolhida, partilha e celebração na casa de mulheres. **Caminhos – Revista de Ciências da**

¹¹ BINGEMER, M. C. L., Conversando sobre a história da mulher na Igreja e na contemporaneidade, p. 10.

Religião, v. 14, n. 1, p. 179-190, 2016. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/4835>>. Acesso em: 05 de out. 2024.

FALQUETO, Emanuel S. O retrato das mulheres nas comunidades cristãs primitivas no livro Atos dos Apóstolos. **Revista Pistis & Praxis**, v. 15, n. 3, p. 509-521, dez. 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.7213/2175-1838.15.003.AO03>>. Acesso em: 6 de out. 2024.

JOÃO XXIII, Papa. **Carta Encíclica *Pacem in terris***: sobre a paz entre todas as nações na base da verdade, justiça, caridade e liberdade, 11 de abril de 1963. São Paulo: Paulinas, 2013.

LORASCHI, Celso. Carta de Áquila. **Estudos Bíblicos**, v. 23, n. 86, p. 26–36, 2022. Disponível em: <<https://revista.abib.org.br/EB/article/view/686>>. Acesso em: 5 de out. 2024.

NIERO, Edna Maria; LORASCHI, Celso. Carta de Priscila e Áquila. **Encontros Teológicos**, v. 71, n. 2, p. 79-92, 2015.

SÍNODO. **Uma Igreja sinodal em missão**. Vaticano: Paulus, 2023. Disponível em: <https://www.synod.va/content/dam/synod/assembly/synthesis/portuguese/2023.10.28-POR-Synthesis-Report_IMP.pdf>. Acesso em: 8 de out. 2024.

SÍNODO. **Como ser Igreja sinodal missionária: *Instrumentum laboris***. Vaticano: [s.n.], 2024. Disponível em: <<https://www.synod.va/content/dam/synod/assembly2024/il/pdf/POR---Instrumentum-laboris-2.pdf>>. Acesso em: out. 8 de 2024.

Andrea Aparecida Costa Barbosa

Mestranda em Teologia Prática pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Belo Horizonte / MG – Brasil
E-mail: andreacostabarbosa@yahoo.com.br

Recebido em: 25/08/2025

Aprovado em: 03/08/2026